

Nietzsche

A ORIGEM DA TRAGÉDIA

proveniente do espírito da música



eBooksBrasil

www.ebooksbrasil.org

A Origem da Tragédia
Proveniente do Espírito da Música
Friedrich Nietzsche

Tradução e notas
Erwin Theodor

Versão para eBook
eBooksBrasil

Fonte Digital
Digitalização do livro em papel
Editora Cupolo 1948

Diagramação adaptada aos formatos de eBook
disponíveis.

Os negritos foram substituídos por itálicas ou
omitidos.

A tradução foi compulsada, nos casos de dúvida,
com o original alemão e a tradução para o inglês
preparada por Ian C. Johnston do Malaspina
University-College, Nanaimo, BC, Canadá. Textos
disponíveis na web.

As notas editoriais estão indicadas por [N.E.] e as
do tradutor por [N.T.].

Capa:
Pablo Picasso, The Tragedy, 1903

© 2006 — Friedrich Nietzsche

Índice

Prefácio: 6

Biografia: 14

Ensaio de uma Autocrítica: 16

Prólogo a Richard Wagner: 32

A ORIGEM DA TRAGÉDIA: 34

Notas: 219

TÍTULO DO ORIGINAL:
DIE GEBURT DER TRAGÖDIE AUS DEM GEISTE
DER MUSIK

FRIEDRICH NIETZSCHE

**A Origem da Tragédia,
PROVENIENTE DO
ESPÍRITO DA MÚSICA**

**PREFÁCIO E TRADUÇÃO DIRETA POR:
ERWIN THEODOR**

PREFÁCIO

Está fora de dúvida que o livro mais emocionante e característico de Nietzsche é “Assim falava Zarathustra”, a obra, porém, que melhor externa a “essência pessoal” do jovem Nietzsche é este primogênito: A ORIGEM DA TRAGÉDIA.

A tradução presente é baseada no primeiro volume das “*Obras Completas*”, publicadas pelo Nietzsche-Archiv e por C. G. Naumann — Leipzig.

A este livro acrescentou Nietzsche no ano de 1886, além do “*Ensaio de autocrítica*”, explícitas palavras, que não foram publicadas, mas que se encontram citadas nas páginas XXVII e seguintes da introdução à *ORIGEM DA TRAGÉDIA*, escritas por D. Elisabeth Förster-Nietzsche para o primeiro volume das “*Obras Completas*” publicado pelo “Alfred Kröner Verlag” em 1912.

“Para acrescentar à Origem da Tragédia — Livro proveniente de experiências sobre estados estéticos de dor e alegria, tendo no fundo uma metafísica da arte. Ao mesmo tempo confissão de romântico (é quem mais sofre que exige mais profundamente a beleza — ele cria a mesma); e, finalmente, obra de juventude, cheia de coragem e melancolia juvenis.

“Experiências psicológicas fundamentais: com o nome de “*apolínico*” classifica-se a permanência arrebatadora num mundo imaginário e sonhado, no mundo da *aparência bela*, como redenção da realização; com o nome *dionisiaco* torna-se, por outro lado, ativa a realização sentindo-se subjetivamente a evolução, como o prazer intrépido do criador que conhece, ao mesmo tempo, a fúria do destruidor.

“Antagonismo de ambas as experiências, e dos *desejos* que as fundamentam. A *primeira* quer a *aparência eternamente*; diante da mesma torna-se o homem involuntário, calmo como o mar, curado, de acordo consigo e com a existência; a *segunda* experiência impele à realização, ao desejo da evolução, isto é, à criação e destruição. A realização, intimamente sentida e apresentada, seria o trabalho contínuo de um descontente, arqui-rico, sempre tenso e sempre impelido, de um *Deus*, que só pode sobrepujar a dor da existência por eterna modificação e mudança: a *aparência* como sua redenção conseguida a todo momento, mas apenas por alguns instantes; o mundo como conseqüência de visões divinas e redenções na *aparência*.

“A metafísica da arte contrapõe-se à concepção unilateral de Schopenhauer que compreende a arte partindo não do artista mas sim do preceptor: porque traz em si a libertação e

redenção no gozo do irreal, contrapondo-se, assim, à verdade (experiência de um indivíduo que sofre e desespera de si e sua verdade) — Remissão na *forma* e sua eternidade (como Platão deve ter experimentado: apenas este experimentou também na *concepção* a vitória sobre sua sofredora sensibilidade por demais irritável). A isto opõe-se o segundo fato: Arte compreendida, partindo do artista, e principalmente do músico: a *tortura* do dever de trabalho como impulso *dionisiaco*.

“A arte trágica, rica em ambas as experiências, é classificada como a confraternização do Apolo e Dionísio: a este fenômeno liga-se a maior importância, por parte de Dionísio; mas este fenômeno se nega — nega-se *voluntariamente*. Isto significa a contraposição ao ensinamento Schopenhaueriano da resignação como concepção trágica do mundo!

“Contra a teoria de Wagner, pela qual a música seria o *meio* e o drama o *fim*.

“Desejo do mito trágico como ponto terminal, em que floresce tudo que deve desenvolver-se (“religião”, quer dizer religião pessimista).

“Desconfiança contra a ciência, apesar de ser fortemente sentido o alívio que traz consigo seu otimismo atual: “alegria” do homem teórico.

“Repugnância profunda pelo cristianismo. Por quê? A decadência do ser alemão atribui-se-lhe.

“Não se pode justificar o mundo senão *esteticamente*: Desconfiança contra a moral (ela pertence ao mundo dos fenômenos).

“A felicidade da existência é possível somente como felicidade na aparência (— o “ser” como a imaginação do que sofre na realização).

“A felicidade na realização é somente possível na *destruição* do verdadeiro, da “existência”, da aparência bela, na destruição pessimista da ilusão: *na destruição mesmo do seu mais belo brilho, atinge a felicidade dionisíaca o seu auge.*”

Desde 1869 começou Nietzsche a preocupar-se com as idéias da “*Origem da Tragédia*” e já nas conferências que pronunciou em 1870 no *Museum* de Basileia: “o drama musical grego” e “Sócrates e a Tragédia”, encontramos a expressão provisória das idéias coligidas nesta obra. Publicou seu livro pela primeira vez em 1872 na editora E.W. Fritsch-Leipzig, sob o título: *A Origem da Tragédia, proveniente do espírito da música*. Nova edição foi publicada em 1886, com prefácio escrito em Sils-Maria, sob o título *A Origem da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Segundo o costume atual, porém, leva esta tradução o primeiro título, apesar de nela se

achar incluído o prefácio de 1886. (*Ensaio de uma Autocrítica*).

Não podemos separar esta obra do *Wagnerianismo*, que por essa época foi preponderante do espírito de Nietzsche. A obra, como a conhecemos, pode ser quase chamada de fragmentária, pois o jovem Nietzsche desejou fazer vasto trabalho sobre os gregos, mas foi, por razões diversas, levado a modificar seu plano de trabalho, terminando o livro por uma apologia de Wagner. Já se encontram neste livro os prenúncios de sua filosofia posterior. O próprio Nietzsche o afirma na *Vontade de Potência*, introdução:

“Minha filosofia: arrancar o homem da aparência, seja o perigo qual for. E nada de medo, mesmo com risco da própria vida!”

E será esta a fórmula que o leitor atento encontrará em toda extensão da ORIGEM DA TRAGÉDIA.

Diz Virgil J. Barbato em seu maravilhoso “Nietzsche, Tendances et Problèmes” que “L’Origine de la Tragédie est un manifeste, dont le contenu a préoccupé l’auteur même pendant la guerre. Il est, pourtant, rempli de considérations esthétiques”. Chamando o próprio Nietzsche em nosso auxílio (Prólogo a Richard Wagner — A ORIGEM DA TRAGÉDIA) vemos que os leitores

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

